

E como nos diz Sérgio Mezzalira: "o leitor já teve oportunidade de examinar num atlas geográfico a coincidência entre o perfil oriental da América do Sul e o ocidental da África?"

África e América do Sul, dois continentes unidos, fazem sonhar. E o Paraná que já foi mar e por isso lá são encontrados fósseis que inexistem em São Paulo

Esta história é fantástica — como muitas outras questões da Ciência. A Ciência é assim: parece fria se ficamos só olhando um monte de papéis. E se não sabemos olhar os papéis. Questões como a destes continentes distantes; África e América do Sul unidos nos fazem sonhar. E o que dizer de um antigo mar que existiu no Paraná e ajudou a preservar fósseis que inexistem em São Paulo?

E você já pensou em como é difícil ir arrancando e revelando todos os mistérios dos fósseis? A primeira vez que Mezzalira apresentou uma tentativa de distribuição dos fósseis em São Paulo foi em 1948; era bem moço, recém-formado em geologia, num tempo em que eram tão poucos os geólogos. Trinta e quatro anos depois, eu o encontro em sua casa, no bairro de Santana (antigamente por ali passavam os bondes, hoje é o metrô) — e adivinhem o que ele está fazendo? Mais uma vez trata de escrever uma atualização de sua obra sobre os fósseis em São Paulo. Isto é pura paixão.

Mas sigamos nossa conversa. Você sabia que é muito comum se descobrir em São Paulo vestígios de glaciação? O mais lindo são as rochas estriadas da região de Salto, que revelam a passagem do gelo. Pena que uns cabeças-duras as estejam destruindo, só para enfeitar suas casas! E o que você diria da notícia de que o mar estava a 120 quilômetros da capital? Pois já esteve, nas regiões de Capivari e Itaporanga, em tempo remotíssimo, intercalando as fases glaciais. Mas quando um paleontólogo ouve falar em "madeira que virou pedra", ele sabe que deve ter à sua frente sinais do período Permiano, coisa de 280 milhões de anos atrás — e materiais comuns na região de Rio Claro, Piracicaba, Porangaba, Guareí, Conchas... Neste tempo, as lagoas estavam repletas de répteis que ficavam entre os animais terrestres e os aquáticos. Tinham mais ou menos um metro. E tudo indica que eram bem desajeitados no solo. Muito comum também são certas formas vegetais daqueles tempos

que chegaram até nós com um jeito bem próprio. Tão próprio que, quando um paleontólogo está lá pela região de Rio Claro, por exemplo, ele pode falar com um caboclo e perguntar se ele não viu uns sabugos de milho que viraram pedra? É tiro e queda. O caboclo entende.

No mundo de 280 milhões de anos atrás, o ambiente era fluviolagunar, ou marinho, segundo outros autores. Mas o ambiente muda um bocado no outro período; espécies desaparecem, espécies surgem.

Descobriram pegadas de monstros bem nas calçadas de Araraquara. Suas pedras provinham das pedreiras da região.

Quem se adapta às novas condições de vida vai em frente, claro. E a Era Mesozóica parece um inferno, com seu deserto climático e quente. Os lagos se formam por chuvas torrenciais. Na região de São Carlos e Serrana ficaram as pistas gigantescas dos cinodontes e alguns crustáceos. Um cientista, Giuseppe Leonardi, nem acreditou quando descobriu pegadas do cinodonte em lajes de arenito silicificado... nas calçadas de Araraquara! As pedras tinham vindo de uma pedreira próxima, onde habitavam esses seres pré-históricos.

Mas nem tem graça dar estas voltas pelo mundo dos fósseis e não falar em dinossauros. Até nas revistas em quadrinho — como nos episódios malucos do Brucutu — eles são muito populares. E o que dizer dos filmes? O diabo — como diz Sérgio Mezzalira — é que o homem apareceu bem depois dos dinossauros. Como é, então, que botam homens ao lado de dinossauros?

Os dinossauros vagavam por um mundo de pântanos dominado por sol tropical. Há uns tempos atrás, só os roteiristas dos filmes de TV ou os desenhistas dos gibis poderiam imaginar uma expedição científica pela África, em busca de dinossauros. Mas depois que, em 1938, pescaram o celacanto na costa oriental da África, ficou parecendo que tudo ainda é possível. O celacanto tinha desaparecido há setenta milhões de anos — era o que se supunha. O celacanto foi descoberto! Então, em 1980, lemos que uns americanos, chefiados pelo cientista Roy Mackal, saem pela África atrás de uns nativos que sabiam de monstros enormes, mergulhados nas selvas densas, cujas descrições coincidem com as dos seres pré-históricos.

Por enquanto, é o que se



A ilustração fixa o ser humano, numa época em que já sofrera ativo processo de evolução, o que se nota pela conformação dos ossos da face (não tão pronunciada como na dos símios), pela posição erecta da espinha e pelo uso das mãos. É bem remota a sua ligação com os primeiros homens, cujo aparecimento data de um milhão de anos — quase nada ante o fóssil de um mesossauro, réptil que viveu em território paulista (região de Rio Claro), faz 250 milhões de anos.

sabe. A expedição do cientista de Chicago gera inquietações. Homens como o professor Mezzalira ficam inquietos, por todo o mundo. E se o dinossauro for encontrado? Ai, tanta coisa da Ciência terá de ser pensada de novo. Mas a Ciência não é exatamente esta dúvida permanente? As pistas, sinais e referências a estes mundos que deram lugar ao nosso mundo você pode descobrir em livros ou museus como o que se encontra no Instituto Geológico (do qual Sérgio Mezzalira foi diretor) que reúne fósseis com centenas de milhões de anos. Neste museu, na Secretaria de Agricultura e Abastecimento, na Água Funda, estão as pegadas de cinodonte e também de fósseis de peixes de setenta milhões de anos, ou pedras e fragmentos de rochas, clas-

sificados em relação às mais antigas épocas da formação da Terra, ao lado de animais pré-históricos.

É uma esplêndida aventura olhar estas ilustrações, ler estas histórias — que encantavam até um escritor de romances como Érico Veríssimo, ele mesmo inventor de histórias. E o melhor é que podemos viver tudo isto sem nos arriscarmos como heróis dos quadrinhos que cruzaram os espaços e as eras nas Máquinas do Tempo, entre tantos perigos.

Sérgio Mezzalira, geólogo e paleontólogo. Doutor em Ciências Geológicas pela USP. Ex-diretor geral do Instituto Geológico. Membro da Academia Brasileira de Ciência.

Marcos Faerman, escritor e jornalista. Autor dos livros *Violência e Repressão* e *Com as Mãos Sujas de Sangue*.